

A SALA DE AULA EM CENA: IMAGEM E NARRATIVAS

Leandro Belinaso Guimarães
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

O trabalho aborda as relações entre as práticas pedagógicas e os saberes que elas acionam, quando pensadas enquanto “dispositivos artísticos” criados para ampliar modos de ver e de narrar o mundo. Para tanto, utilizo exemplos de oficinas realizadas com professores em formação; tanto experiências conquistadas em projetos de estágio supervisionado no ensino de biologia, como em oficinas de formação de professores para o desenvolvimento de projetos escolares de educação ambiental. Alguns achados provenientes da pesquisa que desenvolvo sobre as relações entre imagem, ambiente e educação também estarão articulados ao texto. Venho atendo-me às imagens para pensar como estamos sendo formados contemporaneamente a respeito do meio ambiente. Tal atenção tem me instigado a utilizar imagens [fotográficas, cinematográficas, publicitárias] nas práticas pedagógicas que organizo com professores em formação inicial e continuada. Os referenciais acionados neste trabalho são provenientes dos estudos culturais, sobretudo das perspectivas pós-estruturalistas e pós-modernas, e dos estudos de mídia e educação. Três são os argumentos enfocados brevemente neste texto. Ao se pensar práticas pedagógicas como “dispositivos artísticos” argumento, primeiramente, que saberes são criados, configurados, produzidos nas e através das mesmas. Em segundo lugar, saliento que saberes acionados podem, efetivamente, se encharcar de “cotidiano” – desejo latente nos trabalhos formativos que desenvolvo. No último enfoque destaco que colocar imagens em operação nas práticas pedagógicas pode convocar, acionar, saberes outros; mesmo quando estão repletas de clichês – das significações mais recorrentes encontradas por todos os lados na cultura! Por fim, ensaiando uma conclusão, retomo brevemente o ainda tênue argumento de que através do conceito de “dispositivo artístico” práticas pedagógicas podem ser orquestradas não para ensinar modos de ver e de narrar, mas para criá-los.

Palavras-chave: Formação de professores. Práticas de ensino. Estudos culturais.

O texto não “comenta” as imagens. As imagens não “ilustram” o texto [...];
texto e imagem, em seus entrelaçamentos, querem garantir
a circulação, a troca destes significantes:
o corpo, o rosto, a escrita, e neles ler o recuo dos signos.

Roland Barthes

Este artigo deriva da pesquisa que desenvolvo sobre imagem, ambiente e educação, cujo tema central é a sustentabilidade. Venho aprofundando modos de ler imagens midiáticas, sobretudo imagens publicadas em jornais impressos e em revistas de grande circulação, que nos chegam por todos os lados, inscrevendo-nos em um mundo que, no nosso tempo presente, se deseja mais sustentável. Entender os efeitos pedagógicos das imagens, ou seja, os modos pelos quais elas fazem proliferar no mundo maneiras de ver e de atuar – impactando nossas relações ambientais –, é um de meus principais objetivos. Pergunto se há nessas imagens um modo comum de significar a sustentabilidade. Em que elas se diferenciam umas das outras? Que sujeitos elas acionam, invocam, mobilizam, criam, inscrevem no mundo? E, ainda, que silêncios elas parecem provocar, ou seja, que significados e que sujeitos elas negligenciam? Todas essas são questões muito pertinentes aos estudos culturais em seu encontro com a educação. Elas remetem à cultura entendida como o conjunto das práticas de significação colocadas em jogo nas sociedades, como argumenta, em seu já clássico artigo, Stuart Hall (1997). Tais práticas parecem ser cada vez mais *centrais* para entendermos nossa atuação na cena social, cotidiana, em tempos de densa proliferação midiática. Além disso, elas remetem à educação quando a indagação a respeito dos significados relativos à sustentabilidade alia-se aos processos de formação cultural dos sujeitos, através das textualidades imagéticas lidas, por nós, cotidianamente.

Neste texto, contudo, estarei menos envolvido em decifrar significados que possam encontrar-se circulando por uma imagem que selecionei, para, com e através dela, tecer esse artigo. A imagem é assumida neste texto como tendo um estatuto próprio, não sendo vista como uma cópia ou um retrato da “realidade” [no caso da imagem selecionada está em jogo a cena de uma aula]. Assim, ela se desgruda de sua presumida adequação ao mundo, à escola, ao estágio supervisionado no ensino de ciências [trata-se de uma imagem em que a docência está em ação na formação inicial] para assumir uma força performativa – já que a imagem pode ser tomada como um texto – para produzir efeitos sobre nós, leitores. Como argumenta a estudiosa da cultura Leonor Arfuch (2009, p. 19), a “potência da imagem é o que permite ‘*ver o mundo de*

outra maneira’ – aceitando que não há ‘*um modo*’ imediato, direto, não mediado pelo simbólico”, de acessar o cotidiano. O que estaria em jogo, segue argumentando a mesma pesquisadora, não é somente o que “a imagem nos oferece a ver, mas também o que nos pede”. (ARFUCH, 2009, p. 20) Perguntaria inspirado na autora: o que uma imagem nos solicita, nos convoca a pensar? Esta é a pergunta que movimenta o texto que aqui apresento.

Uma imagem *em* silêncio: para além do midiático

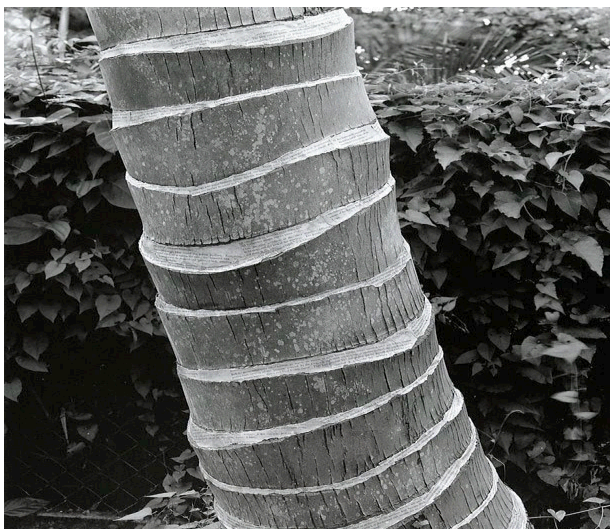
Em meados dos anos 1990, em um livro que reuniu textos sobre o ensino de biologia, publiquei um capítulo que indagava o lugar das “pedagogias culturais” (por exemplo, dos artefatos midiáticos que fazem circular, no cotidiano, significações da biologia e dos temas que se articulam a ela) nos exercícios docentes da formação inicial. Naquele momento, vislumbrava como muito pálida a atenção à mídia nos currículos das Licenciaturas em Ciências Biológicas. O texto escrito naquele momento apresentava-se quase como um manifesto em defesa de um mergulho, no percurso da formação inicial docente, nos artefatos (textos, imagens, narrativas) circulantes pela cultura, para que pudessem também inundar as salas de aula escolares – já que eles estão lá, embora não tanto como os textos a serem enfocados em suas próprias significações e possibilidades de leituras.

Tudo isso não para defender usos instrumentais dos artefatos midiáticos, ou seja, usos acionados para motivar o ensino de alguma temática ou mesmo para, a partir de um filme, por exemplo, seguir ensinando, apenas, um conteúdo escolar específico. Desse modo, um artefato cultural na sala de aula (como um filme) somente atualizaria certo conteúdo, ou o complementaria, ou diversificaria o que já foi (ou será) ensinado através da fala do professor, do quadro e do giz, do livro didático, de uma experimentação, de uma tarefa de pesquisa em grupo. Usos legítimos, certamente, mas carentes de uma apropriação mais densa dessas mesmas textualidades. Como argumenta Monica Fantin (2008, p. 153), “as mídias hoje não só asseguram formas de socialização e transmissão simbólica, mas também participam como elementos importantes da nossa prática sociocultural na construção de significados da nossa inteligibilidade do mundo”. Podemos dizer, inclusive, que os modos como nós professores olhamos o mundo (nós e nossos alunos) já estão sob o efeito lisérgico e sob a mediação de textos midiáticos.

Seria interessante, ainda costurando argumentos sob a inspiração de Monica Fantin (2008), nós professores nos vemos como “artistas” que, artesanalmente, construímos e encenamos aulas. E ao construí-las tramar, ao que desejamos colocar em cena na sala de aula, fios outros advindos do nosso cotidiano (a cada dia mais midiático, multitela, global, intercultural), e não somente os fios escolares, que já nos acostumamos a desmembrar e a recompor. Podemos, assim, em nossas aulas, nos encontrar com as imagens. Não apenas com as mídias (mas também com elas, certamente), mas com as imagens que criamos através da e na nossa própria prática pedagógica.

Dessa forma, se nos anos 2000 minha preocupação era com a pouca entrada dos artefatos midiáticos na formação inicial de professores e, mais especificamente, no ensino de biologia e de ciências, agora passo a compor questionamentos sobre as imagens em geral, inclusive aquelas que podemos construir no próprio calor da nossa prática pedagógica (para com elas pensarmos nossa atuação docente). Quero dizer com isso que minhas preocupações ampliaram-se. Desejar pensar as imagens – e não apenas as derivadas dos artefatos midiáticos – na formação docente e no ensino de biologia e de ciências diz respeito tanto a minha atuação nas orientações dos estágios supervisionados da Licenciatura (cujas imagens se apresentam, geralmente, como registros fidedignos das aulas ministradas), quanto ao que Nilda Alves e Inês Barbosa de Oliveira (2004) argumentam, ao dizerem que “as imagens incluem inúmeras possibilidades de narrar e compreender as escolas e seus cotidianos”. (ALVES; OLIVEIRA, 2004, p. 31) Imagens evocam narrativas, que por sua vez propiciam a invenção de outras imagens. Essa relação íntima entre imagem e narrativa potencializa uma ampliação das possibilidades de ver, por exemplo, a sala de aula no ensino das ciências.

É, inclusive, a relação entre imagem e narrativa que tem me chamado a atenção nas pesquisas e nas atividades de ensino e de extensão em que estou enlaçado. Se no ensino de biologia, nas aulas, nos relatórios de estágio supervisionado e nos materiais didáticos, as imagens funcionam, geralmente, como ilustrações do texto, do conteúdo, da narrativa e de suas histórias, na obra da artista Simryn Gill, intitulada “Forest”, uma outra relação parece se estabelecer entre a narrativa e a imagem. Vamos, aqui, pausar a leitura das palavras, da narrativa desse ensaio, para ler calmamente a imagem disposta abaixo:



Na série de imagens fotográficas da artista (acima vemos apenas uma das imagens da série “Forest”), extratos textuais de livros clássicos que versam sobre a relação entre a vida e o ambiente, tal como *A Origem das Espécies* (de Charles Darwin) e *Robison Crusoe* (de Daniel Defoe), aparecem entremeados, entrelaçados, incorporados às folhas, troncos, fragmentos de plantas e de jardins abandonados na Malásia e em Singapura. Na floresta da artista, narrativa e imagem estão compostos e sobrepostos em uma mesma textualidade. Não há legendas sob as imagens, não há ilustração sob os textos. A paisagem torna-se literatura, torna-se narrativa inventiva de um mundo que se desmancha, mas que ao mesmo tempo se (re)inventa artisticamente. Sem uma “realidade” a ser representada, mas (re)criada, as imagens florestais de Simryn Gill nos convocam à imaginação de um mundo em (de)composição.

Desse modo, inspirado pela artista, penso que ler uma imagem e/ou uma narrativa sobre uma aula, exige, quem sabe, certo devaneio, pois não existe “a” leitura, ou mesmo “a” aula. Quem sabe possamos recusar, como sugere Rodrigo Naves (2008), a redução do mundo (no caso deste texto, a sala de aula) a uma espécie de mundo já visto, capturado de forma objetiva e inapelável. Como exercitar um olhar, inclusive na produção das imagens-narrativas sobre as práticas pedagógicas das quais participamos, para que a sala de aula não seja tomada como unívoca e inquestionável? Como tornar uma imagem *silenciosa*, para que seja possível abrir, com e através dela, narrativas outras que multipliquem modos de ver e de narrar cenas em aula?

Uma imagem *em* aula: convites às narrativas

A imagem que ainda apresentarei a vocês leitores e leitoras, e que me movimentou a escrever este texto, foi produzida por estudantes de um Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, em 2010, no decorrer de suas atuações enquanto professores em formação, na disciplina de estágio supervisionado, no ensino de ciências. Trata-se de uma aula encenada no ensino fundamental.

Os estudantes de Biologia aprendem ao longo do curso a ler imagens. Células, tecidos, microrganismos, flores, rins, caules, sangues, todo um conjunto de estruturas foi estudado através das imagens projetadas em aula pelos professores, dos livros consultados, das lentes das lupas e dos microscópios (sem falar das imagens esquemáticas das estruturas ínfimas, moleculares, que escapam do foco das lentes disponíveis ao ensino e dos nossos próprios olhos). Lembro isso para dizer que há uma formação para a leitura da imagem, no decorrer do curso de Ciências Biológicas. Essa mediação da própria formação universitária não sai de cena quando estudantes produzem imagens durante seus exercícios docentes, ou seja, quando estão ensinando biologia e/ou ciências. De saída, a mediação sugere um problema interessante que diz respeito aos modos pelos quais as imagens são fabricadas e lidas nas aulas do ensino superior, em que biólogos estão sendo formados para ver, por certos ângulos, o mundo vivo.

Porém, há outras mediações em jogo, já que estudantes e futuros professores de ciências e de biologia consomem imagens, como já vimos, simplesmente vivendo nesse mundo no qual nosso cotidiano se tornou, definitivamente, multimidiático e, portanto, repleto de imagens. Caberia perguntar que estéticas são acionadas pelos estudantes, quando se trata de produzir imagens de seus próprios exercícios docentes? A imagem é processada visando registrar quais momentos? São registros o que se busca com as imagens? Quais são as imagens selecionadas pelos estudantes, estagiários, professores, para serem tornadas públicas quando o estágio é socializado? Enfim, muitas outras perguntas podem, ainda, ser formuladas instigando outros ensaios.

Mas neste, em particular, estou interessado – retomando, novamente, a pergunta que formulei na introdução – em indagar o que uma imagem nos solicita, nos convoca a pensar. E mais, o que ela nos possibilita narrar? Que imagem me coloca na ação de escrever? O que me lança a rascunhar ao me confrontar com uma imagem? Tais perguntas, aqui, dirigem-se não a qualquer imagem, mas a uma que foi selecionada por me parecer aberta (possibilitando uma narrativa também ampla), silenciosa (já que a

escola aparece muito sutilmente em seus pixels), enigmática (pois nem mesmo uma sala de aula parece estar presente). Mais do que um registro, cuja imagem é tomada como narrando fidedignamente o que vemos, essa nos diz muito menos (sim, muito menos), nos arremessando a pensar e a narrar quase sem rumo. Trata-se de uma imagem selecionada pelos estagiários para compor o ensaio reflexivo sobre suas práticas docentes.

Apresento a fotografia e, em seguida, escrevo duas brevíssimas narrativas que se descolam da imagem [ao menos essa é a minha intenção]. Entretanto, alerto que a tomo em si mesma, tal como aponta Wenceslao de Oliveira Júnior (2009), ou seja, como uma versão do mundo e não como a própria “realidade” ou sua representação. E mais, tecer a narrativa após a imagem implica o esforço para apagar seu estatuto de registro, já que ele solicita a imagem como ilustração de uma narrativa. Aqui ela é alçada a desencadeadora de narrativas, que se desprendem da própria imagem para possibilitar imagens outras. Será possível, pedagogicamente, dar vida própria à imagem e à narrativa sobre uma aula sem a preocupação do documental, do informativo? Como acessar a imagem por suas fissuras? Como a tornar pulsante de pensamentos inclusive sobre os modos como a vemos, sobre o que vemos em um tempo em que as lentes que acionamos se abrem e se fecham em uma velocidade estupenda?

Por entre as linhas de composição da imagem, a atenção às suas fissuras, àquelas que não nos arremessam a dizer o que está, mesmo, se passando. Quem sabe retirar a imagem do seu estado de registro de um exercício docente, para narrar o que nela está “desfocado”.

Em uma aula, uma mesma prática pedagógica pode ser organizada para exigir uma mesma resposta das diversas crianças que a estão habitando. Contudo, as narrativas e as imagens que derivam dessa mesma prática podem se configurar inesgotáveis, criativas, diversas. O que pode uma aula quando ela deseja mais potência de vida? Como tecer, costurar, inventar, criar uma aula para que textualidades imaginativas advindas das crianças também possam ser escritas?

A aula em imagem e em duas breves narrativas: corpos, rostos, escritas...



Na amplitude de um pálido espaço, corpos de crianças carregam as cores. Pintam a sala com suas presenças. Na monotonia do branco das mesas, o vermelho boné, as azuis camisetas, a verde caneta. Sem elas, as crianças e as cores, um cinza esbranquiçado cobriria palidamente o lugar.

Um corpo dança, de um modo dionisíaco, entre outros que executam suas tarefas. Um parece querer ensinar algo, outros corpos sem rosto parecem se escolarizar. Desatento (ou atento a si), um corpo desfocado desliza. Solto, parece aterrissar logo após um voo. Alheio ao que está em foco, o que deseja esse corpo em movimento? O que nos ensina seu descompasso, sua resistência, sua dança, sua desatenção, sua impertinência?

Linhas em movimento...

Neste ensaio, busquei tatear algumas relações entre imagem e narrativa na pesquisa em educação. A pergunta que me moveu foi: o que uma imagem nos convoca a pensar? Seu desmembramento culminou com uma imagem e duas curtíssimas narrativas. A brevidade destas narrativas tenta acolher o leitor e a leitora em seus tecidos, como se fossem pequenas histórias que necessitam continuar, quem sabe através de outras imagens.

As narrativas que escrevi forçam a ver que as crianças também participam do mundo vivo. Um mundo repleto de cores, mobilidades, deslizamentos. Elas não são peças de um museu, no qual se guardam, empoeiram, fixam – imobilizados – os exemplares empalhados, fotografados, desenhados, do que um dia esteve vivo. As crianças são antes corpos em movimento, potência de agir e inventar. A inquietude que toma seus corpos (e o pensamento) é o que, comumente, o ensino escolar de ciências combate cotidianamente, ao selecionar conteúdos alheios às suas vidas, ao praticar aulas sem uma escuta atenta de seus corpos, seus gestos, suas imaginações, suas potências.

A imagem selecionada, anunciada ao longo do ensaio, mas apresentada quase no seu final, foi produzida por três estudantes, durante seus exercícios docentes no estágio supervisionado, no ensino de ciências. Eles tiraram a fotografia apenas com o intuito de registrar um momento do estágio. Esse é o interesse principal que os estudantes têm ao tirar fotografias das aulas que ministram. Porém, as imagens funcionam como importantes ferramentas para a discussão, ao final do estágio, sobre os modos como a sala de aula se apresenta nas fotografias. O estágio desse trio de biólogos-professores foi singular por trabalharem com crianças que “teimavam” em não escolarizar seus corpos. Resistiam a todo o momento ao que de escolar lhes era oferecido. Talvez resida nessa singularidade a necessária criação de aulas inventivas que possam trazer essas crianças à cena. Em muitos momentos isso foi conquistado, em muitos outros foi impossível.

Nos estágios docentes que organizo, os estudantes em formação inicial entram na escola, ficam um tempo razoável (quatro semanas) atuando como monitores do professor e no decorrer desse tempo configuram um curso de vinte horas a ser ministrado, no contraturno, às crianças interessadas. No caso do trio que compôs a imagem que movimentou este texto, o curso foi sobre dinossauros, ministrado na associação de moradores do bairro da escola.

Como este trabalho mostrou, a importância da imagem no trabalho de formação docente está na sua abertura – mesmo que uma fotografia seja tirada, apenas, para registrar um momento do estágio – para a entrada em cena de outros modos de ver a sala de aula. Através da imagem em si mesma outras narrativas se criam e se desprendem do registro daquilo que “realmente” aconteceu naquele instante, naquela aula. Na imagem “acontece”, como nos forçam a pensar as narrativas construídas, uma prática pedagógica em que crianças estão, efetivamente, em cena, em movimento, em criação. A imagem faz da sala de aula uma porção viva de um mundo móvel, fluido, vibrante, aberto, amplo. Muitas vezes, no ensino de ciências, crianças são apagadas para dar voz e vez ao conteúdo “científico” e imobilizado da escola (mesmo quando são convocadas a falar, a escrever, a executar tarefas), como se esse conteúdo tivesse alguma importância sem a composição, sem a criação das inúmeras crianças que, com seus corpos dançarinos, fazem da sala de aula uma porção viva e inventiva do mundo.

Referências bibliográficas

- ALVES, Nilda; BARBOSA, Maria Inês. Imagens de escolas: espaços-tempos de diferenças no cotidiano. **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 25, n. 86, p. 17-36, jan./abr. 2004.
- ARFUCH, Leonor. Ver el mundo con otros ojos. Poderes y paradojas de la imagen en la sociedad global. In: ARFUCH, Leonor; DEVALLE, Verónica (Orgs). **Visualidades sin fin: imagen y diseño en la sociedad global**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.
- BARTHES, Roland. **O império dos signos**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- FANTIN, Monica. Do mito de Sísifo ao vôo de Pégaso: as crianças, a formação de professores e a escola estação cultura. In: FANTIN, Monica; GIRARDELLO, Gilka. (Orgs). **Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas: Papyrus, 2008.
- NAVES, Rodrigo. O silêncio do mundo. In: MAMMI, Lorenzo; SCHWARTZ, Moritz Lília (Orgs). **8 X Fotografia: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pro-Posições**. Campinas, vol. 20, n. 3, set./dez. 2009.